

CULTURA CAMPINEIRA

JOLUMA BRITTO

IX

"Eu tenho a certeza que muitos dos próprios membros dessa Academia "continua Paranhos," — portadores de senso de equidade, e, portanto, de auto crítica, não de sentir-se mal lá dentro, sabendo que aqui fora ficou, na pessoa simples e modesta de Jolumá Britto, talvez um dos únicos elementos que, pelo seu trabalho constante de favor das letras históricas da cidade, mereceria, de fato, as honras do fardão dessa "Academia Campinense de Letras".

Sebastião Alvarenga, Luso Ventura, Mário Erbolato, Benedito Sampaio, Mangabeira Albernaz, Waldemar Cesar da Silveira, Adalberto Prado e Silva e alguns outros que são efetivamente, intelectuais com serviços prestados às letras do País, devem estar, a estas horas, de cabeça baixa, envergonhados pela injustiça que se fez ao intelectual e historiador João Baptista de Sá, tão modesto, tão impretensioso que assina todos os seus trabalhos com o pseudônimo de Jolumá de Britto...

Grande parte dos acadêmicos que lá estão, se fizer, num recolhimento de espírito, um ligeiro exame de consciência, pesando as obras que produziram, estimando os benefícios que fizeram acaso às letras nacionais, ao lado da incessante atividade intelectual de Jolumá Britto, verá, sem dúvida, que está ocupando indevidamente o lugar que por insusmável princípio de justiça, pertence ao humilhado mas paciente, operoso e resignado historiador de "Tônico de Campinas".

O resto, não vale a pena discutir. Ou antes, a gente discutirá, se a tanto for eventualmente obrigada.

Aqui termina o artigo do autor do Rosário de Lágrimas" Ficando de fora da Academia Campinense de Letras o autor de um dos livros de poesias mais comentados e lidos ultimamente em todos País, não só Luso Ventura, ou também Paranhos de Siqueira, que já havia editado, não sei quantos livros naquela época da criação da novel Academia, teria ela a obrigação de escolher, e muito bem, nomes em evidência nos meios culturais, da cidade e não como o fez, de apagados escrevinhadores das letras pátria...

Aconteceu, no entanto, que alguns anos depois disso, embora reclamada por pessoas amigas minha inscrição na Academia, e até particularmente por um colaborador do Diário do Povo e mais pelo advogado e jornalista Mario Erbolato, que tentou uma campanha para aquele fim e minha eleição ou escolha para integrar a sonhada entidade, recusei terminantemente e publicação de qualquer movimento nesse sentido. Nunca me interessou tal honraria, mesmo por que não sendo mestre de línguas ou de literatura, posso ensinar história de Campinas para qualquer integrante da ACADEMIA Campinense de Letras, ou quem assim o desejar. Nisso eu sou mestre E insuperável.

Assunto encerrado. Tenho admiração por todos os integrantes da Academia Campinense de Letras, sem excluir um só deles e louvo o sr. Lauro Péricles Gonçalves em ter

cedido, por comodato ou empréstimo magnífico prédio ali próximo ao Mercado.

ACADEMIA CAMPINEIRA DE LETRAS E ARTES

Luso Ventura foi um dos maiores jornalistas de Campinas, pena de ouro, embaixador do pensamento alto de tantas entidades, orador incomparável, criador da Casa de Portugal, fundador da Faculdade de Medicina de Campinas, imaginou, ali por volta de 1970, a fundação de uma sociedade sui generis. Isto é, que reunisse não só homens de letras, assim como arquitetos, poetas, jornalistas, advogados, enfim pessoas de rara cultura, que não são os que escrevem, que ele considerava mestres, que têm se destaque na vida de Campinas, em seus meios sociais, literários, musicais, etc..

Isto aconteceu exatamente em 8 de novembro de 1970, tendo para isso reunido intelectuais da cidade no antigo prédio, hoje demolido, da Associação Campineira de Imprensa.

Seu objetivo, conforme ele mesmo acentuou "era nuclear literatos e artistas que trabalham em comum pelo desenvolvimento artístico e literário da cidade, de tal forma, que Campinas possa legitimamente, ser apontada como expressivo centro da cultura de São Paulo e do País. Todos reconhecem: "afirmou ele" — a necessidade da existência de valores de nosso meio intelectual e artístico, mas falta-lhes a todos, uma instituição com objetividade pragmática para a efetiva concretização regular daqueles intentos. Daí ter lhe ocorrido a idéia da fundação da Academia, por ser esta a forma da integração social, mas efetiva, já que existe sempre, em torno das vagas acadêmicas o reconhecido interesse que consolida instituições dessa natureza. "Ninguém aspira — disse o orador" a uma precária intelectualidade municipal, mas tem em mente, sem dúvida, dar a conhecer a comunidade campineira, através da cultura, aquela participação atuante que engrandece, na província do pensamento e das artes das sociedades humanas, que zelam pela preservação dos bens do espírito. Lembrou, também, que a instituição deste molde, isto é, com a participação em comum, isto é, de literatos e artistas de variadas especializações, é a primeira a ser fundada no Brasil".

Idéia de mestre que hoje congrega em seu seio, naquela modesta sede instalada, graças à generosidade do sr. Argeu Pires Neto, no Clube Semanal de Cultura Artística e onde estamos construindo o futuro de uma entidade que honrará, temos a certeza, os foros de cultura de nossa Campinas. Esse foi o pensamento alto de Luso Ventura que desfraldou uma bandeira de idealismo para congregar numa única Academia, os elementos de valor tão rico, que seria até, inoportuno citar seus nomes. Amanhã, os senhores verão o que é na cidade de Campinas a Academia Campineira de Letras e Artes.

Diário do Povo 26-VII-1976